



# ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

## RESUMOS

Leticia Coelho Squeff  
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

### Exposições de arte no Brasil: modos de interpretação

Desde o século XIX, com a instauração de uma Academia de Artes no Rio de Janeiro, as exposições de arte vêm fazendo parte da prática artística, primeiro na corte de d. Pedro II, mais tarde em outros centros urbanos. Durante o Império, o Rio de Janeiro sediou nada menos do que 26 exposições gerais. Estas exposições estavam vinculadas a toda uma estrutura em que se articulavam alguns compradores e colecionadores, amadores ou críticos, e muitos artistas. Pode-se falar, assim, que no começo do século XX já havia uma espécie de tradição de exposição de arte, inspirada genericamente no modelo dos salons franceses.

Estas exposições foram cruciais para o desenvolvimento das artes no Rio de Janeiro. Algumas das principais obras de arte do período monárquico foram apresentadas, justamente, durante estes eventos. Além disso, as exposições contribuíram para a difusão de valores artísticos e práticas sociais cruciais para a formação de um sistema de artes de tipo moderno no Brasil de finais do século XIX.

Apesar disso, são ainda poucos os estudos, no Brasil, a respeito dessas exposições. Por outro lado, existe ampla bibliografia, no exterior, que trata não apenas da história das exposições, como também dos problemas e também da importância dos modos de exibição para uma história da arte renovada por questões relacionadas com o colecionismo, a história dos museus e das galerias privadas, a formação do gosto, entre outros.

O objetivo de minha comunicação será discutir alguns autores que vêm trabalhando com a história das exposições de arte e os modos de exibição, tais como Mieke Bal, Andrew McLellan, entre outros, de modo a buscar novas formas de entender aspectos das exposições gerais da academia do Rio de Janeiro, particularmente as que ocorreram em 1879 e 1884. Nesta oportunidade buscarei, sobretudo, analisar estas exposições a partir da idéia de que cada disposição de obras é uma espécie de discurso que permite entrever não apenas os objetivos dos organizadores, como também o quanto esse discurso foi compreendido por críticos e pelo público.